

## REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - BIBLIOGRAFIA E PERFIL

Fernanda Simone Lopes de Paiva<sup>87</sup>

Silvana Vilodre Goellner<sup>88</sup>

Victor Andrade de Melo<sup>89</sup>

---

UNITERMOS: bibliografia; pesquisa em Educação Física / ciências do esporte

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar o projeto de catalogação dos artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, bem como as principais características e mudanças observáveis nesse periódico, em seus quase vinte anos de existência.

---

*“Não sendo possível conhecer toda a produção editorial, mesmo de um único idioma, urge que se organizem bibliografias temáticas, válidas e metódicas, capazes de orientar estudiosos ou profissionais, no plano dos seus interesses específicos e tendo em atenção os respectivos idiomas”* (VIANA apud RAMOS, 1963, p.94).

### 1. UM PROJETO DE CATALOGAÇÃO DE ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS

A citação acima foi retirada de uma saudação que o prof. Mário Gonçalves Viana, na época diretor do INEF de Portugal, fez ao prof. Jayr Jordão Ramos, por ocasião da publicação de uma pequena bibliografia luso-brasileira de Educação Física. Mesmo tendo sido escrita há 25 anos, nela podemos encontrar uma preocupação bastante atual.

Se, já em 1963, não era possível ter conhecimento de toda produção bibliográfica, imaginemos nos dias de hoje, quando não só é mais fértil (pelo menos no aspecto quantitativo), como os meios de difusão de informações se ampliaram notavelmente. Mais ainda, a imensa produção do presente nos faz, muitas vezes, esquecer das importantes publicações do passado, de mais difícil acesso, algumas

mesmo quase extintas ou em fase de extinção, já que só recentemente temos nos preocupado com a conservação de nossos ‘papéis velhos’.

Cabe destacar que aquela produção é muito mais do que pejorativamente ‘papel velho’. Lá, encontramos o registro de alguns dos caminhos trilhados pela nossa área de conhecimento que, ao serem lidos/conhecidos, podem apontar interessantes indicadores para que melhor compreendamos e orientemos nossos passos no presente. Cabe também lembrar que, por trás desses aparentemente ‘frios’ artigos, estavam seres humanos, com os mais diferentes desejos, emoções, pretensões.

Foi pensando nisso que elaboramos o projeto ‘Bibliografias’, cujo objetivo central é dar a conhecer o perfil de nossa produção científica, no decorrer do tempo. Nosso intuito é catalogar e divulgar o máximo que pudermos de tal produção no Brasil, começando pelos artigos publicados em periódicos. Tal opção se deu por acreditarmos que são a face menos conhecida de nossas publicações. Situados no interior das revistas, os artigos acabam sendo mais esquecidos, menos procurados, já que o título do periódico, ao contrário do livro, não nos permite prever o que lá dentro podemos encontrar. Esperamos contribuir para que os pesquisadores de hoje melhor localizem e compreendam as mais diversas possibilidades de olhar para nossa área de conhecimento.

---

<sup>87</sup> Univ. Federal do Espírito Santo/Doutorado em Educação - Univ. Fed. de Minas Gerais.

<sup>88</sup> Univ. Fed. do Rio Grande do Sul/Doutorado em Educação - Univ. Estadual de Campinas.

<sup>89</sup> Doutorado em Educação Física - Universidade Gama Filho.

Ao confeccionarmos uma bibliografia da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), chegamos ao segundo (ou terceiro, se quisermos ser mais exatos)<sup>90</sup> número da série 'Bibliografias'. No ano em que o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), uma das mais respeitadas e renomadas entidades científicas ligadas à nossa área de conhecimento, completa vinte anos de existência, achamos justificável catalogar a revista editada sob sua responsabilidade, sem sombra de dúvida, um dos maiores retratos do desenvolvimento recente dos estudos ligados à Educação Física/ciências do esporte. Assim, esta bibliografia também é uma homenagem a todos aqueles que, independente de seu posicionamento teórico, ajudaram a construir essas duas décadas de história.

Em 'REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - BIBLIOGRAFIA', os leitores poderão encontrar 303 artigos, de mais de 230 autores diferentes (um número realmente destacável), catalogados em 52 palavras-chaves. Como a RBCE é um periódico ainda em publicação, somente foram catalogados os números que vão desde o 1º do volume 1, até o número 1 do volume 19. Futuramente, outros trabalhos devem completar a catalogação dos números a serem lançados a partir de então.

Os leitores podem encontrar essa Bibliografia apresentada de duas formas distintas: a) uma versão em word, onde as referências podem ser recuperadas por palavras-chaves ou por autor; e b) um banco de dados (software), onde podem ser recuperadas por título, autor, local, volume, ano e palavras-chaves. O software permite a pesquisa, cruzada ou não, de até seis variáveis<sup>91</sup>.

Além do catálogo dos artigos, temos nos preocupado em inserir um texto que procura apresentar o perfil do periódico, de forma a melhor situar o leitor acerca de suas características e de suas mudanças no decorrer do tempo. Passamos

então a apresentar um pouco das diversas dimensões da nossa RBCE, fundamentais para melhor compreendermos os vinte anos de jornada do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

## 2. BREVE OLHAR CRÍTICO SOBRE A REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

No ano de 1998, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte comemora seus 20 anos de fundação e árduo trabalho, objetivando a promoção e o incremento da pesquisa na área da Educação Física/ciências do esporte. O conhecimento produzido encontra espaço para sua veiculação, reflexão e debate principalmente através de publicações (revista científica, boletim informativo, anais e livros<sup>92</sup>) e reuniões científicas organizadas e/ou realizadas pela direção nacional do CBCE, por suas Secretarias Estaduais ou em co-participação com outras instituições, como a Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências (SBPC), só para citar um exemplo.

A Revista Brasileira de Ciências do Esporte também está prestes a completar 20 anos de publicação ininterrupta<sup>93</sup>, fato notável em um país onde nem sempre o financiamento para periódicos científicos pôde ser garantido pelas agências governamentais de fomento à pesquisa, e onde a área de Educação Física/ciências do esporte esteve, por muito tempo, longe de gozar algum reconhecimento acadêmico.

Sem serem os únicos responsáveis, CBCE e RBCE tiveram importante papel na conquista desse espaço/reconhecimento que, não sendo pleiteado e construído de forma harmoniosa e 'evolutiva', foi cunhado dentro das lutas simbólicas próprias ao campo científico<sup>94</sup>. A Revista, órgão oficial de divul-

<sup>90</sup> O primeiro número foi: GOELLNER, Silvana Vilodre; MELO, Victor Andrade de. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos - bibliografia*. Rio de Janeiro: 1998. Anteriormente também fora lançado: GENOVEZ, Patricia Falco; MELO, Victor Andrade de. *Bibliografia Brasileira sobre História da Educação Física e do Esporte*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Gama Filho, 1998.

<sup>91</sup> Os interessados, enquanto não viabilizarmos a publicação em livro, podem nos contactar diretamente: Victor Melo (victor@marlin.com.br) ou Silvana Goellner (goellner@nutecnet.com.br).

<sup>92</sup> É iniciativa do CBCE, por exemplo, a publicação dos seguintes livros: FERREIRANETO, Amarílio; GOELLNER, Silvana Vilodre; BRACHT, Válder (orgs.). *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995; COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (org.). *Educação Física escolar frente à LDB e aos PCNs*. Ijuí: Sedigraf, 1997.

<sup>93</sup> O primeiro número foi lançado em setembro de 1979. Somente o número 1, do volume 10, apesar de impresso, não chegou a circular por problemas técnicos de editoração.

<sup>94</sup> Sobre a história das lutas pela construção dos sentidos dentro do CBCE, consultar o estudo de Fernanda Simone Lopes de Paiva (1994). Sobre o campo científico, consultar o estudo de Pierre Bourdieu (1983). Todas as análises levadas a cabo ao longo desta apresentação, fundamentam-se nesses autores.

gação do Colégio, de publicação quadrimestral, tem peso peculiar neste processo, justamente porque é ela que torna público um conhecimento que é/foi tido como digno de ser reconhecido como 'verdadeiro' pela comunidade envolvida com a área.

Espelhando esta luta concorrencial, em que está em jogo o monopólio da autoridade e da competência científica, não é de se estranhar que, ao longo da trajetória de sua publicação, a RBCE tenha sido portadora de artigos, idéias e representações que expressassem sentidos e significados tão diferentes acerca do que é ciência, Educação Física, ciências do esporte, esporte e fazer científico, em Educação Física/ciências do esporte. Podemos observar três momentos/movimentos<sup>95</sup> no interior da Revista em que esses sentidos e significados podem ser tipificados, por contraste: o da neutralidade científica e política; o da denúncia e do compromisso político; e o da necessidade de intervenção qualificada<sup>96</sup>.

Esta caracterização permite-nos perceber ordenações diversas dentro do campo que remetem para o êxito, em diferentes momentos, de diferentes concepções e/ou grupos na luta pela construção dos sentidos. Entretanto, é preciso ter clareza que esta luta não pode ser reduzida à tradução do interesse interessado - ou interesseiro - de cientistas/intelectuais em deter o poder de nomeação a partir de motivações próprias ou particulares de indivíduos ou grupos. O campo acadêmico contempla também a expressão do interesse interessante, aquele que, por assim dizer, é a curiosidade fundante que move toda a crença de que é possível, racionalmente, conhecer. Neste sentido, possibilitam o progresso da ciência porque são capazes de tornar transparentes e inteligíveis os fenômenos e, consequentemente, o conhecimento do mundo.

Na área de Educação Física/ciências do esporte, ao longo destes 20 anos, isto implicou em um avanço na reflexão acerca do trabalho propriamente acadêmico que cabe aos cientistas do esporte. Cientistas do esporte aqui entendidos como os intelectuais de diferentes formações, preocupados em pensar e debater com cientificidade o amplo leque de temáticas que perpassam a prática pedagógica em Educação Física e o trato do fenômeno esportivo, a partir de uma gama bastante diversa de problematizações e abordagens.

Acompanhemos como este avanço - é preciso repetir que ele não se deu e nem se dá de forma espontânea e sem conflitos - aparece registrado no tipo de publicação veiculada pela RBCE.

No início da década de 80, sobressaem as primeiras representações sobre ciência, fazer científico, Educação Física, ciências do esporte e esporte. A construção de sentido perseguida era creditar e fazer acreditar na viabilidade de fazer ciência, num país de terceiro mundo, 'com rigor e qualidade', seguindo o 'modelo' (e não necessariamente uma referência teórico-metodológica) daquilo que se pensava ser a pesquisa 'descritiva' e 'empírico-analítica', abrindo mão da sofisticação dos equipamentos disponíveis nos laboratórios, em favor da singeleza de se coletar dados à beira da quadra com lápis, prancheta, cronômetro e fita métrica. Além disto, acreditava-se que os profissionais de Educação Física deveriam se transformar em cientistas do esporte ou, pelo menos, implementassem, em sua prática de aula, uma atitude científica de atuação.

Ainda que com distorções e equívocos sobre o fazer acadêmico, essas idéias traziam em seu bojo, pelo menos, duas visões interessantes: as Ciências do Esporte não eram privilégio dos sofisticados laboratórios que começaram a ser implementados no Brasil, na década de 70; e o professor de Educação Física deveria 'fundamentar' - ainda que de forma muito peculiar - a sua prática. Nas páginas da Revista, para citar alguns exemplos textuais, esta idéia central e aquelas representações assim apareciam encarnadas:

a) quanto à idéia central

*"(...) o modelo de pesquisador sisudo, tentando trazer soluções para o mundo a partir da circunscrição das quatro paredes de seu laboratório, não nos parece o mais adequado à dinâmica da área de Ciências do Esporte no terceiro mundo. No entanto, com isso, não estamos dizendo que queremos ver os cientistas de calções... Por outro lado, também não é nossa intenção fazer com que todos os profissionais de Ciências do Esporte tornem-se pesquisadores. Mas que desenvol-*

<sup>95</sup> Esta expressão parece interessante para não nos fixarmos numa idéia de etapas acabadas e estáticas. No primeiro momento é possível encontrar elementos do segundo, no segundo, elementos do primeiro e do terceiro; no terceiro, elementos do segundo e do primeiro. O que destacamos para caracterizá-los é o que estes momentos têm de traço marcante mais comum.

<sup>96</sup> Maiores informações podem se obtidas no estudo de Paiva (*op.cit.*).

vam uma atitude científica frente aos fatos maravilhosos que acontecem no (...) trabalho com a atividade física” (MATSUDO, 1981, p.16).

b) quanto às representações

“(…) é necessário atenção às construções de baterias de testes, onde o tempo utilizado e o material requerido para cada teste deve ser o mínimo possível, pois as variáveis de aptidão física precisam ser mensuradas para que possamos (...) prescrever treinamentos ou analisar a atuação do escolar na aula de educação física” (PEREZ, 1980, p.22).

“(…) a ‘Medicina’ aliou-se ao ‘Esporte’ (...) Atualmente, na área de Ciências do Esporte, a avaliação da aptidão física é assunto de grande interesse por parte dos pesquisadores (...) [o curso de educação física] prega a prática da atividade física (...) pensando em termos da atuação futura desses ‘professores’ a nível escolar, clubes e academias (...)” (DUARTE & MATSUDO, 1981, p.28).

Destaca-se que este tipo de manifestação acabou por levar à banalização do que poderia/pode ser uma das formas de abordagem dos fenômenos da Educação Física e do esporte. As pesquisas descritiva e empírico-analítica foram reduzidas a meras aferições submetidas - às vezes, sem adequação - a tratamentos estatísticos, feitos a partir de indagações triviais, destituídos de problematização. Muitas dessas indagações poderiam ser ‘respondidas’ através de consultas a livros didáticos já publicados. Este ‘fazer científico’ admitia - quando admitia - um baixíssimo grau de reflexão teórica e nenhum tipo de teorização.

De maneira geral, os ‘artigos científicos’ apresentavam-se como vulgatas, constituindo-se na colocação de um *problema problemático* porque não *problematizado* (exemplos: saber se há diferença de performance entre um grupo treinado e outro não treinado, mensurar a velocidade de um grupo de escolares, comparar os níveis de aptidão entre dois indivíduos gêmeos homozigóticos), na descrição minuciosa do material e ‘método’, ou técnica utilizada para aferição, seguida da exposição e discussão dos dados coletados e *conclusão*, não *conclusiva*, e quais outras ‘pesquisas’ sobre o assunto deveriam ser feitas. Para arrematar, uma lista

de referências bibliográficas imensa, que buscava dignificar artigo e o autor. Um continham só artigos estrangeiros, outras várias referências a trabalhos anteriores do próprio autor...

A linha editorial da revista endossava, ao mesmo tempo que apontava, o caminho a ser seguido pelas Ciências do Esporte: desenvolver modelos brasileiros de avaliação médico-desportiva, com o uso de tecnologia simples e barata, traduzidos em testes de alta aplicabilidade que podiam ser utilizados pelos professores de Educação Física/cientistas do esporte, em larga escala nas escolas, clubes e academias, de forma que, desta grande massa beneficiada de crianças e adolescentes, pudessem surgir os nossos melhores desportistas. Esse espírito de ‘elevar’ o professor de Educação Física à categoria (?) de cientista do esporte tem seu ápice no editorial do número 2, do volume 2, da RBCE:

“(…) o professor de Educação Física não pode ser mais representado como o homem forte e de boa vontade que ‘distraia’ os alunos entre aulas de biologia e matemática. (...) Hoje, mais do que nunca, ele está envolvido no processo global de formação sócio-cultural do nosso jovem; hoje, ele deve associar seu apito e seu cronômetro ao trabalho de laboratório de fisiologia do exercício, hoje ele é o responsável pelo surgimento de atletas e pelo desenvolvimento de sua potencialidade; em resumo, ele, hoje, não é mais o ‘professor de ginástica’, mas o mestre em ciências do esporte” (1981, p.4).

A partir de meados da década de 80, o tom das publicações vai se modificando, já que muda a direção dada ao próprio Colégio. A RBCE não passa incólume a essa reordenação. As representações naquela época vigentes acerca da ciência, fazer científico, Educação Física, ciências do esporte e esporte são difusas, uma vez que remetem a referências distintas. Uma é a discussão levada a cabo pela diretoria e demais envolvidos na administração da instituição, outra é a ‘comunidade acadêmica’ - aquela que participa dos congressos e publica na revista - que compartilha ou ainda está impregnada das representações anteriores. Em suma, não havia uma unidade polifônica, como na perspectiva anterior. A idéia-força desse momento era que, reconhecendo a não neutralidade da ciência, deveria o CBCE comprometer-se com a produção,

fomentação e veiculação de conhecimento numa perspectiva 'mais avançada', que levasse os seres humanos a sua emancipação. Esta idéia assim aparecia expressa no editorial do número 1, do volume 10, da RBCE:

*"Da pretensão inicial de incentivar a produção científica, tem-se atualmente o entendimento de que o desenvolvimento científico, também na área de ciências do esporte, se dá em determinadas condições históricas e de acordo com determinados interesses (...). Essa perspectiva de entendimento tem-nos levado a considerar a necessidade imprescindível de aliar-nos às demais organizações da sociedade civil e que objetivam também a democratização da ciência, entendendo-se isso como sendo o acesso da maioria, tanto ao processo de produção, quanto ao usufruto do conhecimento científico, por ser este em nossa sociedade, um dos principais elementos de emancipação e de humanização, portanto, instrumento de luta nos interesses de classe" (1988, p.4).*

ARBCE, entretanto, passava por, pelo menos, dois problemas fundamentais que comprometiam, de certa forma, a força dessa idéia central: a falta de recursos financeiros para publicação da revista e a escassez de produção acadêmica (artigos) submetidos à apreciação. Além disso, configurava-se um perfil editorial impreciso e muito diverso. Vários colaboradores da diretoria do CBCE escreveram editoriais e não os assinaram. O que chama atenção é que, antes e depois disso, essa função sempre coube ao editor da Revista ou, mais recentemente, ao diretor científico, no caso de o número da revista ser dedicado aos anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACEs).

Boa parte dos artigos veiculados nesse momento apresentavam 'os velhos' ou 'novos' problemas. Os 'velhos' eram decorrentes das representações hegemônicas no período anterior. Os 'novos' advinham das tentativas de produção de artigos sobre a forma de ensaios. Alguns desses 'estudos' - como eram, então, denominados - propunham-se a manifestar opiniões, não raro, pouco fundamentadas e não transcendendo a constatações óbvias, também carentes de problematização. Os tratamentos estatísticos eram substituídos por *bricolages*

de citações ajustadas, numa miscelânea de assuntos, autores e/ou categorias, quando não, em profissão de fé.

No que tange às representações, exatamente pela não existência de unidade polifônica, estas aparecem na publicação sob diferentes formas. A concepção de ciência e fazer científico, mais ligada às manifestações da diretoria, é tornada pública nos editoriais, no Boletim Brasileiro de Ciências do Esporte, no boletim Pensando Alto<sup>97</sup>, na correspondência oficial, mas também está presente em alguns (poucos) artigos e temas livres apresentados nos CONBRACEs. Com relação às representações de Educação Física e esporte, seus espaços de circulação são também alguns artigos e temas livres. A idéia de Educação Física transformada em - ou vinculada a - uma ciência pode ser observada na produção de Manuel Sérgio (que defende a tese da Ciência da Motricidade Humana, na qual a Educação Física seria seu 'braço' pedagógico), publicada na Revista, mas também em outras manifestações, como no exemplo abaixo:

*"Colocar-se frente ao problema (...) apresentando-lhe o método mais compatível, é a questão a ser resolvida pelos seres que constroem essa ciência voltada para a motricidade humana (...)" (EDITORIAL, 1986, p.55).*

Mas, apesar das dificuldades, já nesse período, a RBCE foi portadora de elementos que acenavam para uma virada na produção do conhecimento na área de Educação Física/ciências do esporte. Do ponto de vista acadêmico, é possível destacar três textos: o de Lino Castellani Filho (1983), o de Válder Bracht (1986) e o de Carmen Lúcia Soares (1986). O primeiro, apresenta-se como pioneiro na Revista em buscar uma reflexão sobre a Educação Física a partir de categorias sócio-filosóficas; os dois últimos, partindo de diferentes pontos de análise, apontavam para a emergência - no duplo sentido - de uma discussão: a necessidade de uma reflexão teórica densa e séria acerca da prática pedagógica em Educação Física.

Do ponto de vista editorial, destaca-se a primeira iniciativa de organizar a Revista por temáticas. Nesse período, foram elas: v.8/ns. 2 e 3 - O que é motricidade humana?; v.9/n.2 - Dirigente esporti-

<sup>97</sup> Boletim de circulação interna da administração do Colégio, com publicação donº0 a onº6.

vo; v.9/n.3 - O que é deficiência?; v.10/n.1 - Dez anos de CBCE. Entretanto, o que se pode observar é que nessas revistas, poucos textos, quando não apenas um, abordam o tema proposto.

Somente a partir de uma terceira reordenação interna no Colégio Brasileiro, que também se refletiu na Revista, ocorrida na virada para os anos 90, é que se sedimentam os elementos acima destacados: tanto a discussão da área num patamar mais qualificado, não só no campo da prática pedagógica em Educação Física, mas também na análise do fenômeno esportivo e na discussão e problematização de temáticas afins (o que aponta para o redimensionamento do fazer científico nas ciências do esporte); quanto na elaboração dos volumes da revista por temática.

As representações vigentes e hegemônicas construídas e consolidadas na década de 90<sup>98</sup>, inserem-se e inserem-nos num nível mais complexo e amadurecido da produção científica da área. As idéias centrais, que dão sentido à empreitada em gestão, são que o CBCE e a RBCE são espaços de debates do e para o conhecimento produzido no âmbito da Educação Física/ciências do esporte. Conhecendo-se a dimensão política da produção científica, passa-se a ter, como objetivo importante, o incentivo à produção, à crítica e à veiculação do conhecimento e, dentro da dinâmica própria ao enfrentamento de idéias no plano acadêmico, sujeita-se à prevalência dos melhores argumentos. Busca-se, através da construção de autonomia e legitimidade, enquanto área de estudos, diferenciar-se e chamar atenção para a superação do senso comum - da ciência, inclusive - vigente na Educação Física/ciências do esporte.

Estas idéias assim se expressam, por exemplo, nos seguintes editoriais<sup>99</sup>:

<sup>98</sup> À época da elaboração deste ensaio (julho/1998), pelo não acesso a todos os tipos de fontes documentais utilizados na pesquisa, referência deste texto (PAIVA, *op.cit.*), não foi possível, com maior clareza, refletir e fundamentar se, durante os anos 90, configura-se um novo ordenamento no Colégio e na Revista, tendo como base um novo fôlego - administrativo, financeiro, acadêmico e político - registrado a partir do ano de 1992 e/ou uma resistência a ele. Seja como for - caracterizando-se movimento(s) consonante ou dissonante - pelo menos em dois sentidos, pode-se apontar continuidades, tanto na consolidação da instituição, como da produção científica por ela veiculada, durante esta década. O primeiro diz respeito à dissensão do segmento interessado na 'existência' das tais Ciências do Esporte, apenas a partir da sua nomeação e não fundamentação epistemológica, muito presente e atuante nos primórdios e gradativamente dissidente, a partir de 1989. O segundo diz respeito a uma certa maioridade da produção, tanto no que tange a uma melhor fundamentação e qualidade - mesmo que ainda se possa deparar com trabalhos de qualidade duvidosa, quanto no que se refere à quantidade de trabalhos produzidos.

<sup>99</sup> Trabalhando com a hipótese de um movimento consonante que fez consolidar, avançar e ampliar os princípios norteadores do terceiro ordenamento, privilegiamos mostrar a corporificação dessas idéias nos editoriais. Dado ao período coberto, tal intento estende-se um pouco. Exemplificar as representações vigentes pontualmente nos artigos poderia demandar muito mais espaço. Optamos, então, por comentá-las numa visão de conjunto a partir das temáticas propostas para diferentes volumes da revista.

<sup>100</sup> Vale lembrar que o número 1 dos volumes ímpares é tradicionalmente dedicado aos anais dos CONBRACEs.

<sup>101</sup> Publica trabalhos aprovados que, por motivos diversos, não foram, até então, veiculados.

*"(A RBCE) com a finalidade de refletir as preocupações e avanços teóricos na área, procura nesta nova gestão do CBCE (...) avançar na qualidade e seriedade científica das publicações. (...) (A RBCE) não procurará (...) privilegiar concepções científicas ou político-ideológicas, mas (...) manter a 'vigilância democrática' sobre as produções descompromissadas com a realidade brasileira da Educação Física e Esportes, bem como, em relação às questões educacionais e político-sociais do País"*(EDITORIAL, 1994, p.164).

*"(...) queremos relembrar o compromisso assumido (...) de aperfeiçoarmos o projeto editorial da nossa Revista (...). Para isso, é imperioso contarmos com o apoio de todos os profissionais envolvidos no avanço do conhecimento (...), manifestado através de contribuições, trabalhos, sugestões e críticas, (...). Só assim poderemos caminhar juntos para chegarmos aos propósitos acadêmico-culturais da entidade, que são o aprofundamento da discussão científica, a socialização dos novos saberes e, (...), a consolidação da nossa área de conhecimento"* (EDITORIAL, 1996, p.126).

Como já ressaltado, nesse período, retomou-se a idéia de estruturar as revistas a partir de temáticas. Na década de 90, foram elas<sup>100</sup>: v.12/n. 1,2,3 - Lazer; v.13/n.2 - Educação Física: ensino; v.13/n.3 - Aprendizagem motora; v.14/n.1 - Atividade física e saúde; v.14/n.2 - Currículo; v.14/n.3 - Que ciência é essa? Memória e tendências; v.15/n. 2 - Sem temática específica<sup>101</sup>; v.15/n.3 - Educação Física e esportes: a questão do gênero; v.16/n.1 - Metodologia do ensino da Educação Física e esportes; v.16/n.2 - Legislação em Educação Física e

esportes; v.16/n.3 - Avaliação em Educação Física e esportes; v.17/n.2 - publica os textos-base das conferências, mesas redondas e painéis do IX CONBRACEs; v.17/n.3 - Esporte, comunicação e mídia; v.18/n.1 - Educação Física, lazer e meio ambiente<sup>102</sup>; v.18/n.2 - Educação Física, lazer e meio ambiente; v.18/n.3 - prevista para publicar os textos introdutórios às conferências e mesas do X CONBRACE<sup>103</sup>.

Devemos destacar que, ao que parece, tanto pelas temáticas das revistas, como pelos trabalhos científicos apresentados nos CONBRACEs, o CBCE assumiu-se como um fórum de discussão privilegiado da Educação Física (disciplina curricular) e das diferentes temáticas a ela pertinentes. Mas a própria Revista registra manifestações de sócios que não são professores de Educação Física e que gostariam de ver garantida a abordagem do fenômeno esportivo não só pelo prisma pedagógico<sup>104</sup>, sendo necessário fazer prevalecer a ambivalência do termo ciências do esporte.

Registre-se também que algumas temáticas não fizeram pulsar em pesquisadores a verve da publicação. A temática 'Legislação', por exemplo, recebeu, a tempo e em condições, apenas um artigo relacionado ao assunto.

Já com outras temáticas houve uma surpresa quanto ao que se esperava inicialmente. A temática 'Atividade física e saúde', por exemplo, teve uma abordagem diversa daquela que, durante algum tempo, se fez majoritária dentro do CBCE e que se pautava na ótica da medicina esportiva e da aptidão física.

Por outro lado, os temas 'Gênero', 'Mídia', 'Lazer e meio ambiente' (na 'segunda chance') e todos os diretamente ligados à prática pedagógica e à teoria da Educação Física tiveram boa repercussão. Vale lembrar que a escolha temática não restringe o envio de artigos diversos que, quando não absorvidos no volume publicado imediatamente após sua aprovação, são veiculados naqueles sem temática específica.

Ao que tudo indica, essa é uma iniciativa que deve ser preservada, incluindo a sua forma de escolha. Durante a década de 90, as temáticas foram escolhidas a partir das demandas e sugestões dos sócios, das Secretarias Estaduais e/ou a partir de diferentes dinâmicas, nos eventos organizados pelo CBCE.

Para encerrar este artigo, gostaríamos de fazer uma menção especial aos Anais do X CONBRACEs<sup>105</sup>, que talvez possa ser considerada, em seu conjunto, a publicação mais rica do CBCE, nos últimos tempos. Da iniciativa esboçada no CONBRACEs de 1995 - a solicitação de texto para apreciação e seleção de temas livres - avançou-se para a estruturação do congresso por grupos de trabalho temáticos e à exigência do trabalho na íntegra para publicação: retrato e memória do atual estado da produção do conhecimento na área.

Folhear uma publicação de quase 1700 páginas - distribuídas nos seus três volumes - é constatar que algo efetivamente mudou. É se comprazer com tantos trabalhos, frutos da luta inerente ao campo científico, do amadurecimento coletivo das discussões, da elaboração de trabalhos de maior fôlego nas pós-graduações da área e fora dela, do trabalho crescente de iniciação à pesquisa na graduação. Frutos, enfim, do próprio processo histórico da Educação Física brasileira.

O quanto avançamos? Eis uma boa pergunta. Alguns dados foram expostos aqui, colhidos neste importante periódico que é a Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São indicadores, mas não suficientes, para respostas precisas - convém atentar para a duplicidade do termo... O tema é polêmico, exige problematização, pesquisa e debate.

Com mais um título da série 'Bibliografias', esperamos colaborar para esse intento, divulgando e tornando disponível para consulta todos os títulos de artigos publicados pela RBCE. O convite está lançado.

<sup>102</sup> Como os trabalhos não chegaram no prazo estipulado, a revista circulou sem temática específica, publicando trabalhos aprovados que, por motivos diversos, não foram, até então, veiculados.

<sup>103</sup> Os mesmos não chegaram no prazo previsto (foram publicados na íntegra nos anais do Congresso). Publicação de trabalhos já aprovados e ainda não veiculados.

<sup>104</sup> Ver, por exemplo, a carta ao editor publicada no número 2, do volume 16, da RBCE, subscrita pelo médico sanitário Dr. Aguinaldo Gonçalves.

<sup>105</sup> Referimo-nos aos anais completos, veiculados durante o evento, que publicaram os textos completos da produção discutida nos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs). A RBCE, volume 19, número 1, é uma versão resumida dos anais, onde é possível encontrar as palestras na íntegra e os resumos daqueles textos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu*. São Paulo : Editora Ática, 1983.
- BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v.7, n.2, p.62-68, janeiro/1986.
- CASTELLANIFILHO, Lino. A (des)caracterização profissional-filosófica da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v.4, n.3, p.95-101, maio/1983.
- DUARTE, Maria de Fátima Silva, MATSUDO, Viktor K.R. Características de aptidão física em universitários de Educação Física: um estudo longitudinal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Caetano do Sul, v.3, n.1, p.28-40, setembro/1981.
- EDITORIAL. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Caetano do Sul, v.2, n.2, janeiro/1981.
- \_\_\_\_\_. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Maringá, v.7, n.2, janeiro/1986.
- \_\_\_\_\_. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.10, n.1, setembro/1988.
- \_\_\_\_\_. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Santa Maria, v.15, n.2, janeiro/1994.
- \_\_\_\_\_. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v.17, n.2, janeiro/1996.
- GONÇALVES, Aguinaldo. Carta ao editor. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Santa Maria, v.16, n.2, janeiro/1995.
- MATSUDO, Victor K.R.. Curso de metodologia científica: a prática da pesquisa em ciências do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Caetano do Sul, v.3, n.1, p.16-20, setembro/1981.
- PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. *Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Vitória : CEFD/UFES, 1994.
- PEREZ, Sandra Maria. Medidas de potência anaeróbica: teste de campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Caetano do Sul, v.1, n.2, p.20-23, janeiro/1980.
- SOARES, Carmen Lúcia. A Educação Física no ensino de primeiro grau: do acessório ao essencial. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v.7, n.3, p.89-92, maio/1986.
- VIANA, Mário Gonçalves *apud* RAMOS, Jayr Jordão. Bibliografia Luso-Brasileira de Educação Física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, ano 19, n.18, p.93-117, jun. - dez/1963.

---

UNITERMS: *bibliography; research in Physical Education / sport science*

ABSTRACT: *This article has for purpose to present the Brazilian Review of Sport Science Bibliography, as well as principal characteristics and changes of this journal, since it have been published.*

---